

VENCEDOR DO GOLDEN MAN BOOKER PRIZE  
COM O LIVRO O DOENTE INGLÊS

MICHAEL  
ONDAATJE

A LUZ DA  
GUERRA

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Copyright © 2018 by Michael Ondaatje

Título: A Luz da Guerra  
Título original: *Warlight* (2018)  
Autor: Michael Ondaatje  
Tradução e notas: Margarida Periquito  
Revisão de texto: Ana Cristina Câmara  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre fragmento de *London in fog* (1930)

© Relógio D'Água Editores, novembro de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-899-1

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Europress, Lda.  
Depósito Legal n.º 449120/18

Michael Ondaatje

# A Luz da Guerra

Tradução e notas de  
Margarida Periquito

Ficções

## *Fogo-do-Inferno*

No fim desse primeiro inverno, enquanto vivíamos com o *Traça*, Rachel quis que a seguisse até à cave e, lá, debaixo de uma lona e de diversas caixas que ela já desviara, encontrava-se a mala de porão da nossa mãe. Não em Singapura, afinal, mas ali. Parecia um ato de magia, como se a mala tivesse regressado a casa depois de ter feito a viagem. Eu não disse nada. Subi as escadas e saí da cave. Julgo que receei que lá encontrássemos o corpo dela, comprimido no meio de todas aquelas roupas dobradas e embaladas com tanto cuidado. A porta bateu quando Rachel saiu de casa.

Estava no meu quarto quando o *Traça* voltou à noite, já tarde. Disse que tinha sido uma noite catastrófica no Criterion. Normalmente deixava-nos em paz, se estivéssemos nos nossos quartos. Desta vez bateu à porta e entrou.

«Não comeste.»

«Comi», respondi.

«Não comeste. Não há sinais disso. Vou cozinhar-te qualquer coisa.»

«Não, obrigado.»

«Deixa-me...»

«Não, obrigado.»

Nunca olhei para ele. Ficou onde estava e nada disse. Até que por fim, «Nathaniel», pronunciou calmamente. Apenas isso. Depois, «Onde está Rachel?»

«Não sei. Encontrámos a mala dela.»

«Sim», disse com calma. «Encontra-se aqui, sem dúvida, Nathaniel.»  
Recordo-me com precisão das suas palavras, da repetição do meu

nome. Houve um novo silêncio; os meus ouvidos talvez tenham ficado surdos a qualquer som, mesmo que ele tenha existido. Permaneci curvado. Não sei quanto tempo passou, mas ele levou-me para baixo, fomos à cave, e o *Traça* começou a abrir a mala.

No seu interior, bem comprimidos, como se perpetuamente e para sempre, estavam todas as roupas e os objetos que a tínhamos visto emalar de forma tão teatral, cada um deles justificado com uma explicação da razão pela qual precisaria deste vestido específico, pela barriga da perna, ou daquele xaile. Tinha de levar o xaile, comentou, porque nós lho tínhamos oferecido como prenda de aniversário. E aquela caixa de lata, iria precisar dela lá. E aqueles sapatos para o dia a dia. Tudo tinha o seu propósito e a sua utilidade. E tinha deixado ficar cá tudo.

«Se ela não está lá, ele também não?»

«Ele está lá.»

«Porque está ele lá, se ela não está?»

Silêncio.

«Onde está ela?»

«Não sei.»

«Certamente sabe. Resolveu a questão com a escola.»

«Fiz isso de minha iniciativa.»

«Está em contacto com ela. Disse-o.»

«Sim. Disse isso. Mas não sei onde ela se encontra de momento.»

Agarrou a minha mão naquela cave fria, até que me libertei dele e fui para cima, para me sentar junto do aquecedor a gás na sala de estar às escuras. Ouvi-lhe os passos a subir a escada, ignorou a sala onde eu me encontrava e subiu para os seus aposentos no sótão. Quando penso na minha juventude, se me pedissem para recordar rapidamente uma só coisa, seria a casa às escuras naquela noite, nas horas que se seguiram ao desaparecimento de Rachel. E sempre que encontro a estranha frase, «fogo-do-inferno», é como se tivesse encontrado um rótulo para colar àquele momento, em que fiquei em casa com o *Traça*, e escassamente me afastei daquele aquecedor a gás.

Tentou convencer-me a comer com ele. Quando recusei, abriu duas latas de sardinhas. Dois pratos — um para ele, outro para mim. Sentámo-nos ao pé do aquecedor. Juntou-se a mim no escuro, no pequeno halo de luz vermelha do gás. Lembro-me agora do que fa-

lámos confusamente, sem cronologia. Foi como se ele estivesse a tentar explicar ou revelar algo que eu ainda não sabia.

«Onde está o meu pai?»

«Não tive qualquer comunicação com ele.»

«Mas a minha mãe ia ter com ele.»

«Não.» Calou-se um instante, pensando como prosseguir. «Tens de acreditar em mim, ela não está lá com ele.»

«Mas ela é mulher dele.»

«Eu sei isso, Nathaniel.»

«Morreu?»

«Não.»

«Corre perigo? Para onde foi Rachel?»

«Eu vou procurar Rachel. Deixa-a estar, por um momento.»

«Não me sinto seguro.»

«Eu estou aqui contigo.»

«Até a nossa mãe voltar?»

«Sim.»

Silêncio. Tinha vontade de me levantar e ir embora.

«Lembras-te do gato?»

«Não.»

«Tiveste um gato, em tempos.»

«Não, não tive.»

«Tiveste.»

Fiquei calado, por educação. Nunca tive um gato. Nem gosto de gatos.

«Eu evito-os», argumentei.

«Eu sei», disse o *Traça*. «Porque será isso, já pensaste? Que os evitas?»

O aquecedor crepitou e ele ajoelhou-se e pousou uma moeda sobre o regulador, para o espevitar. As chamas iluminaram-lhe o lado esquerdo do rosto. Deixou-se ficar como estava, como se soubesse que quando se chegasse para trás ficaria de novo no escuro, como se quisesse que eu o visse, para manter um contacto íntimo.

«Tiveste um gato», disse de novo. «Adorava-lo. Foi o único animal de estimação que tiveste, quando eras criança. Era pequenino. Esperava por ti para vir para casa. Uma pessoa não se recorda de tudo. Lembras-te da tua primeira escola? Antes de se mudarem para

Ruvigny Gardens?» Abanei a cabeça, olhando-o nos olhos. «Adoravas o gato. À noite, quando adormecias, ele parecia cantar para si mesmo. Mas na realidade era um uivo, não era nenhum som bonito, no entanto ele gostava de o fazer. Aquilo irritava o teu pai. Tinha o sono leve. Durante a última guerra ganhou medo a ruídos repentinos. Os uivos do teu gato punham-no louco. Nessa altura vocês viviam nos arrabaldes de Londres. Tulse Hill, creio. Para esses lados.»

«Como é que sabe isso?»

Pareceu não me ter ouvido.

«Sim, Tulse Hill. O que significa isso? *Tulse*? O teu pai costumava advertir-te. Lembras-te? Costumava ir ao teu quarto, que ficava ao lado do dele e da tua mãe, pegava no gato e punha-o lá fora o resto da noite. Mas ainda era pior. Fazia com que ele cantasse mais alto. O teu pai não achava que aquilo fosse cantar, claro está. Só tu é que achavas. Foi isso que lhe disseste. A questão era que o gato só começava a uivar depois de tu estares a dormir, como se não quisesse incomodar-te enquanto pegavas no sono. De maneira que o teu pai uma noite matou-o.»

Não desviei os olhos do lume. O *Traça* inclinou-se mais ainda para junto da luz, de modo que tive de lhe ver a cara, que era humana, embora parecesse que estava a arder.

«De manhã não conseguias encontrar o gato, e ele então contou-te. Disse que tinha pena mas não conseguia suportar o barulho.»

«O que foi que eu fiz?»

«Fugiste de casa.»

«Para onde? Para onde fui?»

«Foste para casa de um amigo dos teus pais. Disseste a esse amigo que querias viver lá.»

Silêncio.

«Era muito inteligente, o teu pai, mas instável. Tens de compreender que a guerra lhe fez muito mal. E não era só o medo de ruídos repentinos. Havia nele um certo mistério, uma necessidade de estar sozinho. A tua mãe estava a par disso. Se calhar devia ter-te contado. As guerras não são gloriosas.»

«Como é que sabe tudo isso? Como é que sabe?»

«Contaram-me», respondeu.

«Quem foi que lhe contou? Quem...» E aí detive-me.

«Fui eu a pessoa com quem quiseste ficar. Tu é que me contaste.»

Ficámos os dois em silêncio. O *Traça* pôs-se em pé e afastou-se do lume até eu mal lhe ver o rosto no escuro. Assim era mais fácil falar.

«Quanto tempo fiquei consigo?»

«Não foi muito. Por fim tive de te levar para casa. Recordas-te?»

«Não sei.»

«Durante algum tempo não falaste. Sentias-te mais protegido assim.»